



ESPECIAL

50 anos

Abaixo, ata da Assembléia Geral de Constituição do IBP, com as contribuições dos 20 sócios para o fundo social no valor total de Cr\$ 2,5 milhões (equivalente hoje a algo como R\$ 550 mil), e ao lado galeria dos presidentes do instituto desde sua fundação.

imagens: cortesia IBP

limitar-se à deliberação sobre as matérias constantes das alíneas c e d do artigo 13º. Artigo 30º. O Fundo Social Inicial, integralmente realizado nesta data, é constituído pelas contribuições relacionadas no Boletim em anexo, que faz parte dos presentes Estatutos. Fica, digo, Simultaneamente com a aprovação dos Estatutos, procedeu-se à assinatura, pelos presentes, do Boletim de subscrição do Fundo Social Inicial, que dele faz parte integrante (artigo 30º). O fundo ficou assim constituído: 1) Petróleo Brasileiro S.A (Petrobras): Cr\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros); 2) Refinaria de Petróleo de Mangueiras: Cr\$ 110.000,00 (cento e dez mil cruzeiros); 3) Companhia de Petróleo da Amazônia: Cr\$ 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros); 4) Companhia Brasileira de Petróleo Ypiranga S.A: Cr\$ 105.000,00 (cento e cinco mil cruzeiros); 5) Refinaria e Exploração de Petróleo União S.A: Cr\$ 225.000,00 (duzentos e vinte e cinco mil cruzeiros); 6) Esso Standard do Brasil Inc: Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros); 7) Shell Brasil Ltd: Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros); 8) Atlantic Refining Co of Brazil: Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros); 9) The Texas Co South America Ltd: Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros); 10) Cia Brasileira de Petróleo Gulf: Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros); 11) Entrada de Ferro Santos a Juiz de Fora (Oleoduto Santos - São Paulo): Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros); 12) Associação Brasileira para o Desenvolvimento das Indústrias de Base: Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros); 13) Companhia Brasileira de Gas (GASBRAS): Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros); 14) Companhia Ultrazex S.A: Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros); 15) Alba S.A: Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros); 16) Companhia Química Brasileira: Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros); 17) Union Carbide do Brasil S.A: Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros); 18) Bakol S.A. Indústria e Comércio: Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros); 19) Petroclor. Indústrias Petroquímicas S.A: Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros); 20) Companhia Brasileira de Escreva: Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros). Ficou desta forma integralmente constituído o Fundo Social Inicial, no valor total de Cr\$ 2.500.000,00 (dois milhões e quinhentos mil cruzeiros). Passando-se à segunda parte da sessão, realizou-se, na forma do artigo 29º dos Estatutos, a eleição dos membros do Conselho Administrativo. Para cumprimento do disposto no artigo 10º, os vários grupos de sócios fo-



Helio Beltrão
1957 - 1962



Plínio Cantanhede
1962 - 1984



Paulo Cunha
1984 - 1986



Eduardo Defini
1986 - 1995



Otto Perrone
1995 - 2001



De Luca
2001 - hoje

O IBP e a história do petróleo no Brasil

Rosely Máximo

Neste mês de novembro, o IBP celebra 50 anos de fundação com uma recepção de gala no Copacabana Palace, no Rio, para um grupo seleta de convidados, entre os quais o presidente Lula. Além de ser uma comemoração embalada pelo marketing que o número 50 sugere, o IBP tem muitos motivos para considerar a data um marco na sua trajetória. O Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis, como seu nome atual indica, é uma das poucas instituições empresariais brasileiras criadas em meados do século passado - quando o país dava início à industrialização de sua economia - que conseguem apresentar um quadro evolutivo tão consistente e diversificado.

Nesses 50 anos, operou três mudanças de sede, 10 alterações estatutárias e acumulou muita experiência em normalização, certificação, formação de mão-de-obra e disseminação de conhecimento. Sua atuação política, impensável quando foi criado nos fundos do número 250 da Av. Pasteur, no Rio - onde funcionava o Centro de Aperfeiçoamento e Pesquisa de Petróleo - já influenciou textos de lei e alterações tributárias em prol da competição saudável no setor energético brasileiro.

Instituto Sudamericano

Essa função, entretanto, não estava prevista na ata de constituição do então batizado Instituto Brasileiro de Petróleo. Formado por incentivo do Instituto Suda-

mericano Del Petróleo, que em reunião em maio de 1957 estimulou a criação de institutos em todos os países da América Latina, teve suas atividades originais restritas essencialmente ao ambiente técnico e científico, sendo-lhe expressamente proibida qualquer atividade de natureza política ou partidária. Seus fundadores - os engenheiros Leopoldo Miguez de Mello, Plínio Cantanhede e o administrador Helio Beltrão - não imaginavam que o monopólio da Petrobras seria extinto um dia. Mas a concepção de indústria integrada que defendiam para o setor petróleo e os sócios que de início compuseram a estrutura do IBP - entre eles a Petrobras, a Abdib, representando os fornecedores de equipamentos, e mais 18 empresas do Brasil e do exterior, entre elas refinarias privadas, petroquímicas e distribuidoras - pavimentaram o caminho de independência e solidez conquistado nesses 50 anos e que levaram à necessária atividade política.

Na América Latina, o IBP é um dos poucos institutos não vinculados a petroleiras estatais - assim como o IAPG argentino. Sua atuação está cada vez mais alinhada com as entidades que o inspiraram: o American Petroleum Institute, associação centenária responsável por várias das normas e classificações utilizadas pela indústria petrolífera mundial, e o Institute of Petroleum inglês. Sua saúde financeira é extremamente confortável e desde meados da década de 80 seu orçamento prescinde da contribuição direta dos associados, graças à receita advinda dos seminários e congressos que promove.

Para recompor essa trajetória, que traduz a própria história do setor petróleo no Brasil, percorremos os registros de seus 49 relatórios anuais e ouvimos representantes de empresas, do governo e do próprio IBP. A partir desse trabalho, traçamos uma linha do tempo diferente, em formato de história em quadrinhos, que contextualiza a evolução da atividade do IBP no cenário político e econômico de cada época, mostramos a estrutura assumida pelo IBP a partir de 2004, quando reformulou a configuração de suas comissões e gerências, identificamos suas conquistas e revelamos as metas para o futuro.

Fizemos, assim, o que defendia o filósofo judeu alemão Walter Benjamin: compreender o tempo passado, não por ele ter passado, mas porque nele existe o germen do presente. E, como mostraremos a seguir, também do futuro.

ESPECIAL IBP 50 anos

• **A organização hoje e os caminhos do amanhã:** a nova estrutura, como operam as comissões e quais os desafios e planos para o futuro;

• **A História, quadro a quadro:** A evolução da história do IBP no contexto da história do Brasil e da história do petróleo no país;

• **Representante da indústria:** a imagem do IBP percebida pela indústria petrolífera e as conquistas obtidas para o setor;

• **Parcerias bem sucedidas** - a estratégia para agregar novos valores com instituições representativas, em eventos e cursos.

ENTREVISTAS

. Guilherme Estrella
. João Carlos França de Luca
. Milton Costa Filho

. Otto Vicente Perrone
. William Zattar

ARTIGOS

. Antônio Assumpção
. Benjamin Sodré Netto
. Cynthia Silveira
. Francisco Barros
. Graça Silva Foster
. Jorge Camargo
. Nara Borges
. Ralph Lima Terra

Organização firmada com uma sólida base

Com as sugestões formuladas por mais de 1.000 técnicos reunidos em comissões, o IBP representa os interesses da indústria para aperfeiçoar o setor

Bruno Veiga/Petrobras



Cortesia Chevron



Biodiesel, GNV e GLP junto com E&P estão no foco do IBP

Cortesia Petrobras



Cortesia GasBrasil



Roberto Francellino

Com 229 empresas associadas, o IBP é hoje o principal representante dos interesses da indústria de petróleo e gás no Brasil, para a qual vem obtendo conquistas importantes. Porém, diferentemente do que poderia sugerir uma estrutura linear em que cada associado influencia as decisões com seu voto, o cérebro do instituto está nas comissões técnicas. Formadas por técnicos e especialistas da indústria, são elas que sugerem os temas de cursos e eventos, identificam as demandas do setor e promovem os debates nos fóruns adequados. Ao todo são 14 comissões técnicas, que contam com a participação voluntária de mais de 900 pessoas da indústria.

O elo de integração entre o governo e a indústria é feito pelas comissões setoriais. Hoje são oito, voltadas para as áreas de E&P, gás natural, transporte dutoviário e refino. Esses grupos têm mais de 200 representantes e seu objetivo é levar sugestões ao Exe-

cutivo e ao Legislativo. Desde 2004, com a reestruturação do instituto, essas comissões – assim como as técnicas – estão sob o guarda-chuva de três gerências: Abastecimento e Petroquímica, E&P e Gás Natural.

Dessas áreas, a de Abastecimento é a mais antiga e concentra 11 comissões, sendo uma setorial – Refino – e as restantes técnicas: Petroquímica, Transporte Dutoviário, Lubrificantes e Lubrificação, Combustíveis, Logística, Qualidade, Asfalto, Laboratório, GLP e Biodiesel.

A mais nova é a de GLP, criada no início deste ano para atender ao aumento da importância do energético na matriz brasileira e à proximidade da auto-suficiência na produção para consumo interno. Com o Plano de Antecipação da Produção do Gás (Plangás), a tendência é que o déficit comercial do derivado seja zerado nos próximos anos. Diante dessa perspectiva, o IBP promove no fim de novembro, no Rio, o primeiro seminário específico sobre GLP.

Outra comissão em crescimento no downstream é a de Biodiesel. Criada em fins de 2005, tem o objetivo de aprofundar os conhecimentos sobre a produção do biodiesel no país e no mundo. Uma das ações mais recentes da comissão foi a parceria com a Coppe/UFRJ e a Coppead/UFRJ na elaboração de um retrato do segmento, até mesmo com relação ao tipo de oleaginosas utilizadas para a fabricação do energético. “As informações estavam muito soltas no setor, era preciso agrupá-las”, enfatiza o gerente de Abastecimento e Petroquímica, Ernani Filgueiras.

A atuação da gerência nos últimos anos proporcionou alguns benefícios. Em 2005, a Comissão de Combustíveis promoveu um seminário destinado a discutir soluções para a sonegação de impostos na venda de álcool hidratado nos postos de combustíveis. Nessa época era prática comum entre pequenas distribuidoras comprar álcool anidro – que não sofre taxaço – no mercado



50 anos

mantendo acesa
a chama do
conhecimento,
do progresso e do
desenvolvimento.

Poucas instituições atingem
50 anos com tanta credibilidade
e fidelidade às suas origens.

A Construtora Queiroz Galvão e a
Queiroz Galvão Oleo e Gás, em nome
de todo o Grupo, parabenizam
o IBP e se orgulham
de fazer parte dessa história.

Parabéns!





Para que fazer um
Instituto Brasileiro
de Petróleo?

1957

Brasil, 126º produtor mundial de petróleo
com 2.700 barris/dia.

A Petrobras sempre soube da importância do IBP - Instituto Brasileiro de Petróleo,
Gás e Biocombustíveis - no desenvolvimento do setor no Brasil. Parabéns pelos 50 anos.



Entendeu?

2007

Brasil, 8º produtor mundial de petróleo,
com 1.800.000 barris/dia.

negro e misturá-lo com água, para vender nos postos como álcool hidratado e com isso sonegar impostos. O resultado final do evento foi a sugestão de adicionar corante ao álcool anidro de forma que, caso houvesse a mistura com água para revenda, a fraude pudesse ser identificada mais facilmente. A proposta foi acatada pela ANP e foi incorporada ao mercado de combustíveis.

Gás natural

Na área do gás, a atuação do IBP começou em 1983, com a criação da Comissão Técnica de Gás. No início, a comissão discutia o tema de uma forma mais generalizada. Somente nos anos 90 o tema gás natural cresceu dentro do instituto. “Nunca houve um mercado só para gás natural, ele está sempre deslocando outros com-

bustíveis”, comenta o gerente de Gás do IBP, Jorge Delmonte.

Atualmente, a área de gás tem uma atuação bastante intensa, similar à do E&P. A diferença em relação à área de Abastecimento e Petroquímica é que sua atuação é mais setorial do que técnica, ou seja, mais voltada para defender os interesses dos investidores perante o governo. A Gerência de Gás Natural hoje comanda quatro comissões setoriais e apenas uma técnica.

Entre as setoriais, o grupo mais im-



Somafoto

Jorge Delmonte: Conselho Consultivo de Gás criado a partir da abertura

bustível na expansão da rede de gás natural das distribuidoras estaduais. A atuação na área se dá por meio da Comissão Setorial de GNV, que reúne fabricantes de equipamentos, distribuidoras estaduais, além da BR Distribuidora e da Ipiranga.

Entre as conquistas mais recentes da área de gás está a retirada da proposta de criação de um mercado de gás interruptível na lei do gás em discussão no Executivo. O assunto foi debatido exaustivamente entre a indústria e o governo e chegou-se à conclusão que era preciso garantir a remuneração dos investidores com um mercado consumidor firme.

E&P

Embora a Comissão Técnica de E&P já existisse desde 1981, foi com a abertura do

Números do IBP	
Associados pessoa jurídica	229
Associados pessoa física	295
Comissões técnicas	14
Comissões setoriais	8
Cursos em 2007*	120
Número de eventos em 2007	19
Empresas certificadas**	41
Normas emitidas	159

Fonte: IBP

*previsão de turmas

**estimativa até o fim do ano

portante é o Conselho Consultivo de Gás Natural, criado em 2003. “Com a abertura, os debates passaram a ter um viés mais voltado para a discussão de portarias da ANP e temas de interesse do segmento, o que originou a criação do conselho”, conta Delmonte. Ao Conselho de Gás estão subordinadas outras três comissões setoriais – GNV, Comercializadores de GN e Transportadores Dutoviários.

A área de GNV é hoje uma das mais atuantes, fruto da importância do com-

Cortesia IBP



Ernani Filgueiras: Comissão de biodiesel para aprofundar informações



Melhore o Desempenho do Seu Reservatório

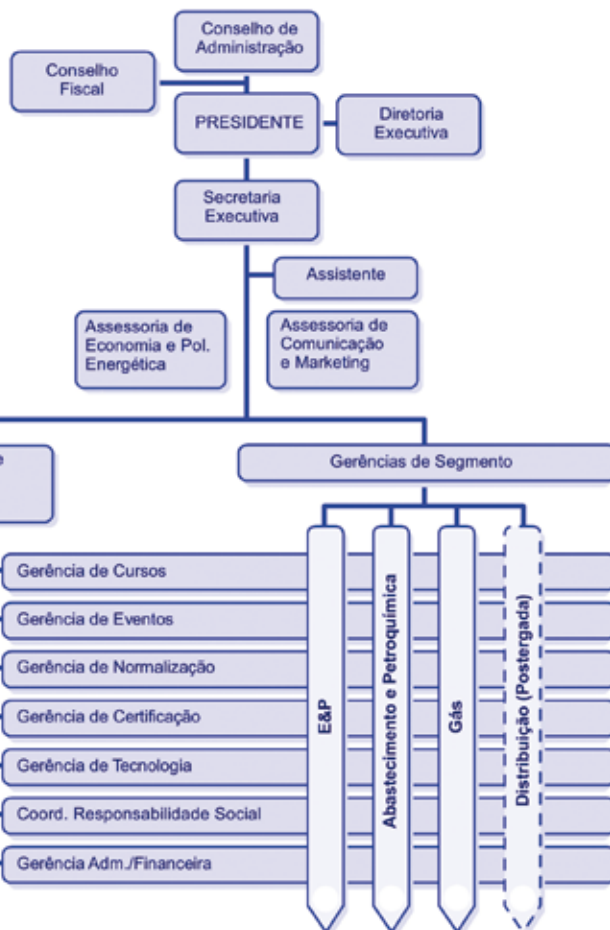
MAXIMIZAR O FATOR DE RECUPERAÇÃO E A PRODUTIVIDADE SÃO PONTOS CRUCIAIS NOS DIAS DE HOJE.

setor de petróleo que a área deslançou. Em 1997, foi formado o primeiro núcleo de E&P, cuja função era discutir a regulamentação da Lei 9.478/97. A primeira minuta do contrato de concessão para a exploração dos campos de petróleo saiu desse grupo. Posteriormente, o documento sofreu aperfeiçoamentos de consultorias externas para atender aos anseios do governo na época.

Esse núcleo deu origem à primeira comissão setorial do IBP, de Regulamentação em E&P, conhecida como Steering Committee. Atualmente o grupo é formado por 18 empresas, entre elas os maiores players de petróleo como a Chevron, Total, Devon, entre outras, além da Petrobras. Este comitê já chegou a ter 25 empresas, mas foi reduzido a partir das fusões e aquisições ocorridas. Este ano, o grupo deve perder a Encana, porém ganhará outros associados como a OGX e a Petrogal.

Sua estrutura comporta cinco sub-comitês, voltados às áreas legal, tributária, operacional, de saúde, segurança e meio ambiente (SMS) e contabilidade. Mobiliza cerca de 150 pessoas e realiza cerca de 120 reuniões por ano.

A atuação do comitê foi tão importante que serviu como base para a rees-



truturação pela qual o instituto passou em 2004. A consultoria contratada no ano anterior – a A.T. Kearney – identificou a necessidade de haver outras comissões setoriais, originando as outras sete.

A atuação da gerência de E&P se dá, sobretudo, na interação com a ANP na análise de minutas de portarias, editais e pré-editais de licitação. O grupo interage também com os ministérios de Minas e Energia, do Meio Ambiente e da Fazenda, e também com as secretarias estaduais de Fazenda.

A última discussão da qual o grupo participou foi a da retirada do estado do Rio de Janeiro do convênio 58 do Repetro, que havia sido aprovada no Confaz. Este convênio isenta de ICMS as operações de admissão temporária de bens e serviços para o setor de petróleo. Após a intervenção do IBP, chegou-se a um acordo para que o estado não saísse do convênio e em troca fizesse jus a uma tributação menor do que a proposta inicialmente.

A gerência tem incentivado também os pequenos produtores de petróleo. Embora a Comissão de Incentivo aos Produtores Independentes tenha dado lugar à Associação Brasileira de Serviços de Petróleo (Abespetro) em 2004, a tendência é que o instituto continue incentivando os investidores da área, por meio de representantes na Bahia, Macaé e Vitória.

A área de meio ambiente também é alvo de grande preocupação no upstream brasileiro, especialmente em relação aos prazos de licenciamento ambiental, que por lei deve levar no máximo seis meses e frequentemente passa disso. O IBP havia constituído um grupo de trabalho com o Ministério do Meio Ambiente, mas com a greve do Ibama e depois a criação do Instituto Chico Mendes, o grupo se desfez. A expectativa agora é de retomada dos trabalhos nos próximos meses.

No Brasil, diferentes tecnologias da Schlumberger são integradas em um centro colaborativo de suporte às operações, onde são tomadas decisões para a otimização da produção de grandes campos do país.

Em uma locação da América Latina, a aplicação de nossas Novas Tecnologias contribuiu para reduzir em 40% o tempo médio de completação dos poços. Em outra locação, a aplicação de novas tecnologias combinada com o gerenciamento de serviços integrados, resultou em um aumento de mais de 250% na produção do campo.

Seja fornecendo serviços de alta qualidade para aplicações de novas tecnologias, ou gerenciando projetos integrados de E&P, a Schlumberger está comprometida com o sucesso da sua produção.

Schlumberger

© 2007 Schlumberger 07-0F-245

Eventos são a vitrine

Sucesso da Rio Oil & Gás destaca o IBP como promotor de negócios na área de petróleo

Promovendo eventos desde 1961, quando realizou o 1º Seminário de Corrosão, o IBP se especializou e hoje é o maior organizador de seminários, congressos e exposições do setor petróleo brasileiro. O principal expoente é a Rio Oil & Gas Expo and Conference, inaugurada em 1982 e que reúne a cada dois anos investidores da área de petróleo, gás e derivados do mundo todo. Hoje o IBP realiza uma média de 16 eventos anuais.

De lá para cá, muita coisa mudou. Na última edição, realizada em 2006, a feira recebeu 32.400 visitantes, teve 800 expositores ocupando uma área de 30 mil m², bem distante dos 5.500 m² da edição de 82. O salto para a evolução foi dado em 1992, quando, por questões financeiras, a feira quase não foi realizada. “Chamamos a Fecombustíveis, que passou a prestigiar o evento por meio das distribuidoras, dando a escala que a gente precisava”, relembra a gerente de Eventos, Ana Guedes.

Para a feira do ano que vem, já foram vendidos 26.600 m² de estandes e há uma demanda reprimida de 6 mil m².

Outro evento que ganhou grande importância foi a Rio Pipeline Conference & Exposition. Realizada desde 1997 sob a alcunha de Seminário de Du-

Fotos: Somafoto



Números da Rio Pipeline

	2003	2005	2007
Congressistas	740	1.025	1.400
Expositores	46	107	120
Visitantes	1.500	3.000	3.200
Países participantes	11	19	30

Fonte: IBP

Niterói Fenashore

	2005	2007
Expositores	100	110
Congressistas	350	N.D.
Visitantes	15000	N.D.
Investimentos anunciados	US\$ 600 milhões	US\$ 1,2 bilhões
Rodada de negócios	R\$ 76 milhões	R\$ 89,2 milhões

Fonte: IBP



tos, a feira passou de 122 congressistas e somente um país participante para 1.400 congressistas e mais de 3 mil visitantes de 29 países na edição deste ano.

Além da demanda de participantes ter aumentado, foi significativo também o crescimento do interesse de instituições internacionais como a Society of Petroleum Engineers (SPE) e a American Society of Mechanical Engineers (ASME), entre outras, para fazer parcerias nos eventos promovidos pelo instituto (*ver matéria nessa edição*). Um bom exemplo desse interesse foi a realização do Natural Gas Conversion Symposium, em Natal (RN), em maio deste ano, que teve o apoio do Cenpes, da Petrobras.

A própria estrutura de eventos do IBP mudou. No início, os encontros eram

promovidos pelas comissões técnicas, cada uma em sua área de atuação. A partir de 1986, a estrutura começou a crescer e foi criado para ela um setor específico dentro do instituto.

Nesses últimos anos a grande novidade foi a promoção de eventos nas áreas de meio ambiente e de responsabilidade social. Entre esses eventos destaca-se o 1º Seminário de Responsabilidade Social Corporativa, a ser realizado no fim deste mês de novembro, e o 1º Seminário de Meio Ambiente, que ocorre desde 1992, o mesmo ano da Eco-92, realizada no Rio de Janeiro. “Os eventos são a vitrine do instituto e a oportunidade de as comissões técnicas mostrarem seu trabalho”, completa Ana. (R.F.)



Evolução da Rio Oil & Gas

Ano	1982	1984	1986	1988	1990	1992	1994	1996	1998	2000	2002*	2004	2006
Expositores	168	266	321	300	213	327	340	350	500	642	800	680	800
Área (m ²)	5.568	10.040	11.004	15.857	10.500	12.110	9.161	11.000	14.678	20.533	31.000	26.500	30.000
Visitantes	11.848	18.612	22.300	24.000	20.522	18.186	15.100	16.000	29.800	29.000	35.000	30.000	32.400

* Rio Oil & Gas + WPC - World Petroleum Congress



IBP: 50 anos de pura energia

A Shell está presente no Brasil há mais de 90 anos e teve a honra de ver o Instituto Brasileiro de Petróleo nascer. Ao longo das últimas 5 décadas o relacionamento entre Shell e IBP só tem se intensificado. Estamos certos de que é trabalhando juntos que vamos ajudar a desenvolver ainda mais o setor nacional de petróleo e gás. Com uma parceria assim, energia não vai faltar.

Uma homenagem da Shell aos 50 anos do IBP.



Normas para derivados e biodiesel

Além de ser um Organismo de Certificação de Produto (OCP) credenciado pelo Inmetro, o IBP também é responsável pela elaboração de normas técnicas para diversos segmentos da cadeia do petróleo. As atividades na área tiveram início em 1959, por meio de um convênio firmado com a ABNT. Mais tarde, em 1998, o instituto foi credenciado pela ABNT como Organismo de Normalização Setorial (ONS-34). Até hoje, a gerência de normalização elaborou e revisou 159 normas, nas áreas de asfalto, combustíveis e produtos especiais, lubrificantes, distribuição e armazenamento de combustíveis, além de sistemas de transporte de petróleo e derivados.

O objetivo maior da elaboração de normas técnicas para a área de óleo e gás é munir a sociedade de meios eficazes para aferir a qualidade dos produtos. As normas facilitam ainda o intercâmbio comercial e estabelecem meios eficientes na troca de informações sobre os derivados de petróleo.

O trabalho da área de normalização do IBP segue as diretrizes do Programa de Normalização Setorial, documento anual aprovado pela ABNT e elaborado pelo instituto, com o objetivo de definir a relação de normas brasileiras a serem elaboradas em seu campo de atuação por comissões de estudo. O programa visa atender às necessidades do setor, bem como de regulamentos técnicos emitidos pelos órgãos governamentais, como ANP, Ibama e Inmetro.

Um dos destaques da atuação recente da área de normalização no IBP é a Comissão de Estudo Especial Temporária (Ceet) do Biodiesel. Entre as atividades previstas, está a elaboração de uma norma sobre a logística do biodiesel. Atualmente, estão em análise cinco normas na área. (R.F.)

Economia para as empresas

Serviço de certificação aumenta competitividade da indústria

US\$ 400 milhões por ano. Essa é a cifra que somente a Unidade de Negócios Bacia de Campos (UN-BC) da Petrobras deixou de gastar por ter um Serviço Próprio de Inspeção de Equipamentos (SPIE) certificado pelo IBP. Outras empresas do setor de óleo e gás também já se beneficiaram. Desde 2002, quando se tornou Organismo de Certificação de Produtos (OCP-0028), o IBP certificou 39 empresas do setor, tornando-as mais competitivas nos mercados nacional e internacional. Este ano, mais duas companhias estão no processo – a Basf e a Unidade de Negócios Bacia do Espírito Santo (UN-ES), da Petrobras – o que deve fazer com que, até o fim do ano, 41 empresas estejam certificadas.

A certificação de SPIE dada pelo IBP permite uma flexibilização dos prazos máximos de inspeção de caldeiras e vasos de pressão, regulamentados pela Norma Regulamentadora 13 (NR-13), do Ministério do Trabalho (MT). Essa flexibilização de prazos permite que a indústria estenda suas campanhas operacionais, com conseqüente aumento da produtividade e da produção. Para obter a certificação, as empresas têm de seguir 76 requisitos, regulamentados pelo Anexo II da NR-13 e pela portaria 16/2001 do Inmetro. Caso os procedimentos estejam de acordo, o instituto emite o certificado SPIE às empresas. Além disso, anualmente o IBP realiza inspeções para verificar a conformidade do certificado. Todo esse processo é inspecionado pelo Inmetro.

O maior benefício do certificado é sentido no caixa, já que sem ele são ne-



Cortesia PQU

PQU: a primeira a obter certificação do IBP

cessárias mais paradas para inspeção dos equipamentos. Além de a inspeção propriamente dita já ter um custo alto, o faturamento proveniente da produção é interrompido por causa da parada da planta. Há ainda os custos evitados, como o do não-acidente – já que é na fase de inspeção que ocorre o maior número de acidentes de trabalho – e o custo da confia-

Os números da certificação

Total de SPIES	39
Nº de auditorias	221
Nº de reuniões ComCer	36
Nº de pareceres ComCer	152
Nº NCs	282
Auditorias em 2007	36
Auditorias previstas para 2007	55

bilidade da unidade. Ou seja, se a instalação é certificada, a planta é mais confiável e isso representa um custo evitado.

A área de certificação do IBP foi criada em 1995, época em que estava ocorrendo a revisão da NR-13 por um grupo tripartite, formado por governo, trabalhadores e empresas, transformado depois em um Comitê Tripartite Paritário Permanente (CTPP). Na época, o IBP se reuniu com o CTPP e começou a elaborar os Projetos de Normas do Grupo Tripartite (PNGTT), responsáveis por estabelecer os requisitos para a certificação.

Desses projetos, surgiu a idéia de o IBP fazer um piloto de certificação. O projeto se iniciou com um programa de treinamento dos auditores e o projeto piloto de certificação propriamente dito, que previa a realização de 13 auditorias pilotos em instalações da Petrobras. “A Petrobras colaborou bastante, colocando suas refinarias e outras unidades



Cortesia IBP

Rubem: média de 8 empresas certificadas por ano

como cobaias”, brinca o gerente de Certificação do IBP, Edgard Rubem.

Em fevereiro de 2000, o grupo tripartite e o IBP encerraram o processo de elaboração dos requisitos para a certificação de empresas e en-

tregou os PNGTT ao Inmetro. Nesse meio tempo, das 13 unidades que iriam participar das auditorias piloto, 12 foram certificadas provisoriamente com diplomas, que mais tarde iriam se transformar em certificados, após processo de recertificação.

Ainda em fevereiro de 2000, o IBP iniciou seu credenciamento – acreditação no jargão da indústria – no Inmetro como entidade certificadora de SPIE. Essa acreditação só ocorreu de fato em fevereiro de 2002. Com isso, a primeira empresa a ser oficialmente certificada pelo instituto foi a PQU, em abril de 2002. Desde então, uma média de oito empresas são certificadas por ano e a previsão é que a área de certificação continue a se expandir. Setores como siderurgia, papel e celulose, transporte dutoviário e energia elétrica também têm sondado o IBP para obter certificações de SPIE. (R.F.)



Nossos caminhos se cruzam com a história do IBP.

Uma homenagem aos 50 anos de atuação do Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis - IBP, que sempre contribuiu de forma destacada para o desenvolvimento das indústrias de petróleo, gás e petroquímica em nosso país.



Rumo à excelência no ensino

IBP quer se firmar como instituição de pós-graduação na área de petróleo, gás e biocombustíveis

Pioneiro em capacitação na indústria de petróleo, com a realização desde 1962 de cursos de diversos temas para mais de 1,6 mil turmas, o IBP planeja montar nos próximos anos uma entidade de pós-graduação na área de petróleo, a ser mantida com recursos próprios. O objetivo é servir de referência para o setor de óleo, gás e biocombustíveis na capacitação de profissionais.

O IBP já vem promovendo alguns cursos de pós-graduação em formato de MBA. O pioneiro foi o de Gestão nos Negócios de E&P de Petróleo e Gás, iniciado em 2001 com 360 horas de duração. A segunda experiência foi com o curso de Direito e Negócios de Petróleo, Gás e Energia, lançado em 2004 para profissionais de Direito já atuando no mercado. Os dois temas são ministrados anualmente pelo IBP, com 30 alunos por turma.



Cortesia IBP

Curso de Gestão nos Negócios de E&P de Petróleo e Gás: pioneiro no formato MBA

O Brasil mudou para melhor

Jorge M. T. Camargo
Presidente da StatoilHydro

A indústria do petróleo brasileira é uma história de inegável sucesso. Apesar de nascida sob grande entusiasmo nacional, acredito que nem os visionários mais otimistas poderiam imaginar que nos-

sa indústria de petróleo iria tão longe, bem além da sonhada auto-suficiência. Além de se tornar uma referência mundial em tecnologia de exploração e produção em águas profundas, o Brasil construiu um ambiente para investimentos no setor petrolífero reconhecido por todos como moderno e transparente. Hoje, dez anos após

a chamada flexibilização do monopólio, até mesmo defensores históricos do monopólio reconhecem que o Brasil mudou para melhor.

O IBP teve um papel importante ao longo de toda essa trajetória vitoriosa da indústria do petróleo brasileira mas, principalmente, após a abertura do setor petrolífero. O IBP edificou uma reputação de interlocutor construtivo e representativo da indústria, o que lhe granjeia a atenção e o respeito de entidades e autoridades. Por sua vez as empresas e pessoas que colaboram com o IBP percebem seu valor e lhe dedicam tempo, recursos e experiência. Essa é a chave do sucesso do IBP.

A história de sucesso da nossa indústria merece ser celebrada, mas não garante o sucesso futuro. As oportunidades e desafios que temos pela frente são de dimensões brasileiras. O Brasil e a nossa indústria são hoje muito mais complexos que cinquenta anos atrás, e o IBP, ainda mais relevante.



Espera-se que esses cursos passem a ser reconhecidos pelo MEC a partir do ano que vem.

Outras parcerias na área de educação também buscam aumentar o reconhecimento de seus cursos. Um exemplo foi o curso de Engenharia de Processamento Petroquímico, chancelado pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). “Vamos manter essas iniciativas, mas o que queremos mesmo é ser um instituto independente na área de educação”, reforça o gerente de Suporte a Serviços do IBP, Evandro Pires, que de 1986 a 2004 comandou a área de cursos.

Os cursos tradicionais serão mantidos. Este ano estão previstos 90 temas, distribuídos em 120 turmas. Até outubro de 2007, 98 turmas já haviam sido realizadas. No ano passado, foram 113.

Número de cursos dobrou a partir do fim do monopólio

O número de turmas na área de cursos evoluiu bastante desde sua fundação. Em 1962, por exemplo, foi realizado apenas um curso, para a Petrobras. Nessa época, a petroleira era a única demandante do mercado. Nos anos seguintes, novos temas foram incorporados e o instituto chegou à metade dos anos 80 com 32 cursos por ano e no fim dos anos 90 havia 49.

Até então, os cursos eram voltados basicamente para a área de downstream. No início dos anos 80, por exemplo, a Petrobras adotou uma política de incentivos ao incremento da qualidade dos seus fornecedores de bens e serviços. Nessa época, o IBP criou o Comitê de Qualidade, que elaborou diversos cursos que foram sendo incorporados ao plantel do instituto.

A partir da abertura, o número de cursos praticamente dobrou. Em 2002, foram 86 turmas, número que saltou para 97 em 2003 e 102 em 2004. Nessa época foram incorporados ao instituto diversos temas na área de E&P, voltados sobretudo para as novas empresas que estavam se instalando no Bra-



Somatfoto

Evandro Pires: “queremos ser independentes na área de educação”

sil. Hoje o número de cursos na área de E&P é quase o mesmo que na de downstream.

A partir do fim do monopólio, começaram a surgir também temas

voltados especificamente para a área de meio ambiente e hoje são 25 cursos, cerca de 20% do total de cursos do IBP.

O número de alunos também evoluiu fortemente. No primeiro ano, o IBP treinou 60 alunos. Na metade dos anos 80, esse número já tinha saltado para 1.587 e no ano passado foi 3.053.

Área de gás é das mais procuradas

Nos últimos anos, uma das áreas mais procuradas tem sido a de gás natural. Em média são realizadas três turmas por ano, devido ao pequeno conhecimento acumulado nessa área no Brasil. Com o desenvolvimento da área de campos maduros, o tema também vem ganhando importância dentro do IBP. Este ano vai ser realizado pela segunda vez, em Salvador, o curso Produção de Petróleo em Campos Maduros. Cursos voltados para a área também já foram feitos no Rio Grande do Norte.



Somatfoto

IBP espelha as demandas do setor

Graça Silva Foster
Diretora de Gás & Energia da Petrobras

O Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (IBP) é uma importante instituição que congrega há 50 anos os produtores de petróleo e gás natural do país e espelha as demandas do setor, em todos os elos da cadeia. Com a credibilidade adquirida pelo seu conhecimento técnico, o instituto tem voz ativa diante dos governos estaduais e do federal, além de no Congresso Nacional.

Outra grande realização do IBP, iniciada desde o período em que havia monopólio no setor, foi a atuação na formação de mão-de-obra da força de trabalho que atua tanto na indústria do petróleo, quanto na de bens e serviços que servem a este setor. Por outro lado, as feiras que realiza periodicamente, há mais de 20 anos, mostram o desenvolvimento desta área para o mundo. São também um ponto de encontro para petroleiros e familiares dos petroleiros. Estes eventos revelam ainda para a sociedade brasileira a importância e a grandiosidade do setor de petróleo para o desenvolvimento do país.





Guilherme Estrella

É preciso um pacto com a sociedade

O presidente do Conselho de Administração do IBP, Guilherme Estrella, também diretor de E&P da Petrobras, mantém relação próxima e de longa data com o instituto, desde os tempos de monopólio, durante a implantação da indústria petroquímica e também no processo de abertura. Em entrevista à Brasil Energia, Estrella fala do atual papel conciliador do IBP e ressalta que a hora é de abrir um amplo debate para mostrar que a indústria do petróleo não é vilã (Cláudia Siqueira)

Que avaliação o senhor faz da atuação do instituto nesses 50 anos?

Um fórum representativo da indústria, como o IBP é essencial em uma sociedade aberta para fazer chegar aos órgãos do governo a opinião do empresariado. Antes tínhamos o monopólio na exploração, produção, refino e distribuição, mas não na petroquímica. E quando esse setor foi implantado, pelo modelo tripartite, o IBP foi fundamental para treinar e formar quadro técnico especializado. Esse trabalho consolidou o nome do IBP, hoje uma instituição com grande credibilidade. O IBP tem sua história alicerçada na seriedade e na postura sempre muito cooperativa e contributiva para a indústria nacional. Depois da quebra do monopólio, foi crescente a importância e a influência da participação do IBP no upstream. E hoje, com a conjunção entre abertura do mercado e retomada do desenvolvimento nacional, o IBP se impõe como órgão representativo da indústria de petróleo. Eu não imagino como seria a retomada do crescimento econômico se essa indústria não tivesse o IBP. Certamente, para as empresas que chegaram aqui após

a abertura do upstream, o instituto foi um fórum de debates, de aculturação. Porque operar no Brasil é como operar em diversos países diferentes. As empresas estrangeiras que chegam aqui não estão acostumadas com essas diferenças regionais.

Em sua opinião, que área ainda necessita de atenção especial?

É imprescindível inserir o Brasil em um contexto mundial e o setor petrolífero é alvo de atenções cada vez mais críticas e rigorosas por parte da sociedade. Nosso produto influencia o clima mundial, pois provém de uma atividade que carrega em si um risco de poluição na própria operação. O IBP tem uma função primordial nisso, que é firmar um pacto quase que social entre os cidadãos e o mundo, para que essa indústria não seja demonizada. O petróleo é um bem de uma riqueza natural gigantesca, indispensável à vida da humanidade. O petróleo vai continuar desempenhando por muitas décadas esse papel, mas há os riscos inerentes à atividade. Temos de mostrar aos cidadãos que não se vive sem o petróleo, mas devemos continu-

ar a atender às demandas desse novo cidadão. Nesse ponto os órgãos representativos da indústria petrolífera terão papel fundamental a desempenhar, que é levar ao seu governo as posições da indústria e ao mesmo tempo convencer a sociedade da necessidade desse pacto.

O segmento de E&P do Brasil tem uma característica muito particular, com uma grande empresa que ainda domina o mercado e outras que buscam se estabelecer. Como conciliar esses dois interesses?

O Brasil é um caso único mesmo e o IBP atua nessa conciliação. A Petrobras é uma empresa de governo, isso é um fato, é a história da companhia. E tem de ser assim mesmo, em economias emergentes a presença do estado no mercado é fundamental. O mercado não organiza sociedade nenhuma. A Petrobras representa no setor petróleo, de certa forma, a mão do estado. Então o IBP atua na conciliação e acho que está conseguindo isso com muito êxito. É difícil, porque são muitos interesses envolvidos, mas ouvimos todas as opiniões e há áreas de confluência. Estamos em um processo muito bom.

ESSA HISTÓRIA COMEÇA EM 1957, QUANDO OS RUSSOS LANÇAM O SPUTNIK, BRASÍLIA JÁ ESTÁ SENDO CONSTRUÍDA E O ROMI-ISETTA SAI ÀS RUAS COMO PRIMEIRO CARRO CONSTRUÍDO NO BRASIL. A PETROBRAS PRODUZ 65 MIL BARRIS/DIA E COMEÇA A AMPLIAR O REFINO. NESSE CENÁRIO NASCE O INSTITUTO BRASILEIRO DE PETRÓLEO.

TEXTO: ROSELY MAXIMO

ARTE: ALEXANDRE BERSOT



A IDÉIA VEM DESSOS TRÊS EMPREENDEDORES: LEO-POLDO MIGUEZ DE MELLO, HELIO BELTRÃO E PLÍNIO CANTANHEDE. REUNEM 20 EMPRESAS E FORMAM O FUNDO SOCIAL DO IBP, COM CR\$ 2,5 MILHÕES, DAS QUAIS A PETROBRAS ENTRA COM 40%.



COM DINHEIRO EM CAIXA, ENTRA EM ATIVIDADE A PRIMEIRA COMISSÃO TÉCNICA PERMANENTE, DE REFINAÇÃO, EM 1958.

UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

AS GRANDES REFINARIAS, COMO A REDUC, COMEÇAM A OPERAR NA DÉCADA DE 60, LEVANDO O PAÍS À AUTO-SUFICIÊNCIA NA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS DERIVADOS.

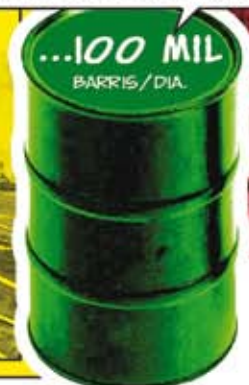


EM 1961, O IBP MUDA DAS 3 SALAS ALUGADAS NA AV. PRESIDENTE VARGAS.



...PARA SEDE PRÓPRIA NO EDIFÍCIO AVENIDA CENTRAL, NO CENTRO DO RIO.

UM INCÊNDIO CONSUME O CAMPO BAIANO DE MAPELE, SOBRE O QUAL O IBP DEDICA UM BOLETIM. A PETROBRAS ALCANÇA A PRODUÇÃO DE...



APÓS 1964, NO CENÁRIO POLÍTICO CONTURBADO PELO GOLPE MILITAR, A PETROBRAS INICIA SEU PROJETO DE PERFURAÇÃO SUBMARINA. O IBP CRIA SUA ASSESSORIA DE ENGENHARIA E EM 1965 REALIZA SEU 2º SEMINÁRIO, DE MANUTENÇÃO.



AINDA EM 61 O IBP REALIZA O PRIMEIRO SEMINÁRIO SOBRE CORROSÃO. E EM 62 O PRIMEIRO CURSO DE ERROS E PRECISÃO DE MEDIDAS.

INCÊNDIO EM MAPELE
boletim IBP
INSTITUTO BRASILEIRO DE PETRÓLEO

E M 1967, ENQUANTO A PETROBRAS COMEÇA A CONSTRUIR SUA SEDE ATUAL...



O IBP COMEMORA 10 ANOS NO RESTAURANTE MESPLA E O AUMENTO DA ATIVIDADE DE CURSOS E SEMINÁRIOS.



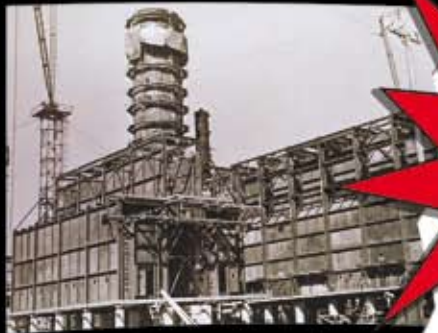
...COMO O CURSO DE SEGURANÇA INDUSTRIAL, EM 1968, E O SEMINÁRIO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA INDÚSTRIA NACIONAL NO SETOR PETRÓLEO, NO ANO SEGUINTE.

EM 1969 A PETROBRAS FAZ SUA PRIMEIRA DESCOBERTA NO MAR, DE GIARICEMA (SE).

É PRECISO INVESTIR NA PRODUÇÃO, POIS A OPEP TRIPLICA OS PREÇOS DO ÓLEO



NO INÍCIO DA DÉCADA DE 70, COM A CONSTRUÇÃO DA REPLAN E A INAUGURAÇÃO DO 1 PÓLO PETROQUÍMICO, EM SP, O IBP REESTRUTURA SUAS COMISSÕES AGORA SÃO OITO E PERMANENTES



UM ANO APÓS O CHOQUE DO PETRÓLEO DE 1973...



...A PETROBRAS ABRE CAMINHO PARA A PRODUÇÃO OFFSHORE COM A DESCOBERTA DE GAROUPA. NESTE CENÁRIO, O IBP LANÇA O CURSO DE PRODUÇÃO DE PETRÓLEO, QUE ATÉ HOJE JÁ FORMOU VÁRIOS TÉCNICOS NO PAÍS.

EM 1976, DIANTE DO INÍCIO DO 2º PÓLO PETROQUÍMICO, NA BAHIA, O IBP FAZ SEU I CONGRESSO DE PETROQUÍMICA NO BRASIL E O I LATINO-AMERICANO DE PETROQUÍMICA, NA ARGENTINA



SEVERO GOMES, HÉLIO BELTRÃO E PINHO CANTANHEIROS

APÓS O SEGUNDO CHOQUE DO PETRÓLEO, EM 1979...



...O DISPÊNDIO COM AS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS ALCANÇA US\$ 10 BILHÕES E A GASOLINA FICA ESCASSA. AS FILAS NOS POSTOS SÃO INTERMINÁVEIS.

EM 1981 É CRIADA A COMISSÃO DE E&P E EM 1982 O IBP REALIZA A 1 RIO OIL&GAS COM GRANDE SUCESSO, COM A PRESENÇA DO PRESIDENTE JOÃO FIGUEIREDO.



EM 1983, OUTRO EVENTO RECEBE VISITAS ILUSTRES: O 2º CONGRESSO DE ALCOOLQUÍMICA, EM RECIFE, REÚNE ERNESTO GEISEL (ENTÃO PRESIDENTE DA NORQUISA), O SENADOR MARCO MACIEL, HÉLIO BELTRÃO (MINISTRO DA PREVIDÊNCIA) E DIVALDO SURYAGY (GOVERNADOR DE ALAGOAS).

EM 1984, A PETROBRAS ATINGE O RECORDE DE



OSIRIS SILVA, PRESIDENTE DA PETROBRAS, INAUGURA A RIO OIL & GAS 84

...E EM 1985 A Pecten Descobre Merluza, em Santos, fatos que contribuíram para, no ano seguinte, a Rio Oil & Gas receber mais de 22 mil visitantes.

NA SEGUNDA METADE DA DÉCADA DE 80, A SITUAÇÃO DAS CONTAS PÚBLICAS SE AGRAVA, OS INVESTIMENTOS DA PETROBRAS MINGUAM E A INDÚSTRIA BRASILEIRA DE PETRÓLEO SOFRE UMA CRISE SEM PRECEDENTES. A SITUAÇÃO PIORA COM A MORATÓRIA DECRETADA EM 87. NESTE CENÁRIO ADVERSO, O IBP AMPLIA SUA RELAÇÃO COM A INDÚSTRIA E CRIA, EM 1987, A COMISSÃO DE CAPACITAÇÃO TECNOLÓGICA PARA BENS E SERVIÇOS NA ÁREA DE PETRÓLEO

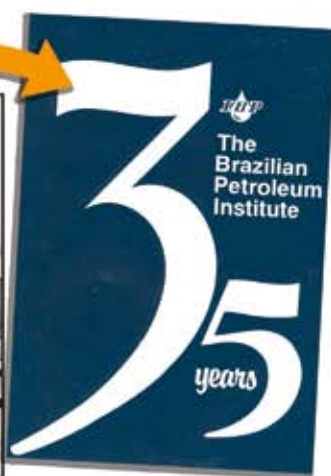


A INFLAÇÃO ATINGE NÍVEIS JAMAIS ALCANÇADOS NO INÍCIO DA DÉCADA DE 90. O PLANO COLLOR RECÉM LANÇADO AFETA PROFUNDAMENTE A INDÚSTRIA DE PETRÓLEO.



O DÉBITO DAS EMPRESAS E INSTITUIÇÕES DO RIO DE JANEIRO DE 80 EM NOS DÍGITS DE 1984.

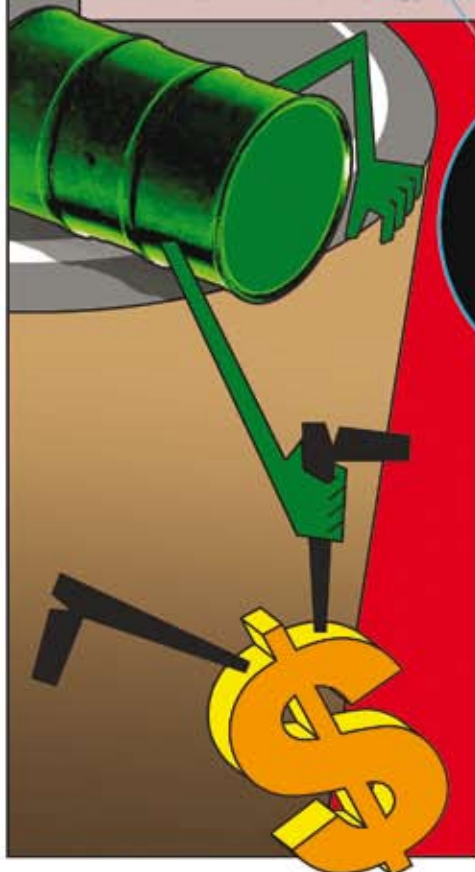
CHEGA 1992 E O IBP COMEMORA 35 ANOS COM UMA NOVA LOGO E FAZ ENCONTRO DE NEGÓCIOS PARA DISCUTIR O FUTURO.



A PETROBRAS COMEÇA A AUMENTAR SEUS INVESTIMENTOS MAS ESTA RECUPERAÇÃO SÓ IRÁ RECOMPOR A COMBILIDA INDÚSTRIA NACIONAL ALGUNS ANOS MAIS TARDE.



O PREÇO DO PETRÓLEO NÃO PÁRA DE CAIR E A FLEXIBILIZAÇÃO DO MONOPÓLIO COMEÇA A SER DISCUTIDA, INCLUSIVE POR GRANDES NÔMES, COMO DANIEL YERGIN, QUE VEIO AO RIO EM 93, COM O TEMA DA ABERTURA TOMANDO CORPO NO CONGRESSO E NA INDÚSTRIA. O IBP PROMOVE MAIS EVENTOS PARA DEBATER OS PRÓS E CONTRAS DA QUESTÃO



EM 1994 AS PARCERIAS ENTRE PETROBRAS E EMPRESAS PRIVADAS JÁ ESTÃO NO FOCO DA RIO OIL & GAS. O NOVO PRESIDENTE, FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, DEFENDE O FIM DO MONOPÓLIO.



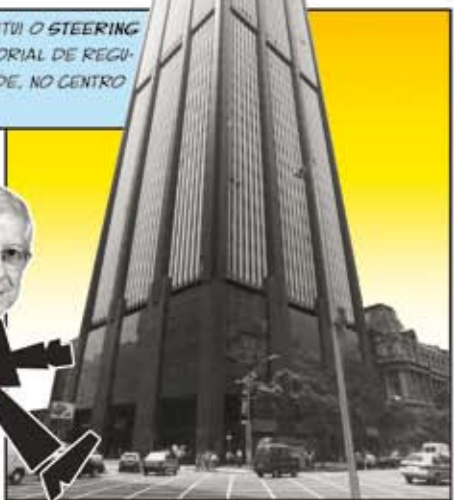
EM 1996 O IBP REALIZA, COM A FGV, O HISTÓRICO SEMINÁRIO DE REGULAMENTAÇÃO NO RIO, COM O MINISTRO RAIMUNDO BRITO, O EX-MINISTRO DELFIM NETO, ENTRE OUTROS REPRESENTANTES DO SETOR.



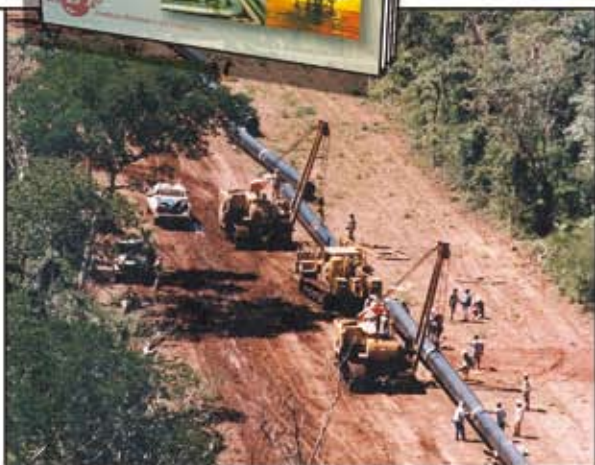
ESSE ENCONTRO SAÍ A PUBLICAÇÃO "NOVA REGULAMENTAÇÃO DA INDÚSTRIA DE PETRÓLEO NO BRASIL", ENTREGUE AO PRESIDENTE FERNANDO HENRIQUE COMO UM DOCUMENTO QUE MAIS TARDE VIRIA EMBASAR A LEI DO PETRÓLEO.



EM 1997 O IBP SE MODERNIZA, INSTITUI O STEERING COMMITTEE, PRIMEIRA COMISSÃO SETORIAL DE REGULAMENTAÇÃO E MUDA PARA NOVA SEDE, NO CENTRO DO RIO, COM MAIS DE 1000 M2.



EM 1998 O IBP É CREDENCIADO PELA ABNT COMO ONV-34 - PETRÓLEO (ORGANISMO DE NORMALIZAÇÃO SETORIAL) E EM 2000, QUANDO O GASBOL É INAUGURADO, O INSTITUTO ACRESCENTA O GÁS A SEU NOME.



EM 2002 O IBP TRAZ PARA O BRASIL, PELA PRIMEIRA VEZ, O WORLD PETROLEUM CONGRESS. COM ISSO, MAIS OS RECORDES DE PRODUÇÃO DE PETRÓLEO E NOVAS DESCOBERTAS, A RIO OIL&GAS BATE TODOS OS RECORDES DE PÚBLICO E ÁREA.

COM A ABERTURA, O IBP PASSA A ATUAR MAIS DIRETAMENTE JUNTO AO LEGISLATIVO E AO EXECUTIVO, REPRESENTANDO OS INTERESSES DA INDÚSTRIA, INCLUSIVE DA PETROBRAS. EM 2005 AMPLIOU AINDA MAIS SUAS INSTALAÇÕES.



A RIO OIL&GAS NÃO PARA DE CRESCER. EM 2006, COM A AUTO-SUFICIÊNCIA NA PRODUÇÃO DE PETRÓLEO ATINGIDA PELA PETROBRAS, O PRESIDENTE DO IBP, JOÃO CARLOS DE LUCA, ANUNCIA NO FIM DA FEIRA JÁ TER RESERVAS DE 12.000 M³ PARA A EDIÇÃO 2008.

EM 2007, COM A PRESENÇA MAIOR DO ETANOL E DO BIODIESEL NO MERCADO DE DERIVADOS, O IBP PASSA A SE CHAMAR INSTITUTO BRASILEIRO DE PETRÓLEO, GÁS E BIOCOMBUSTÍVEIS. E CONTABILIZA 229 EMPRESAS ASSOCIADAS.



Parcerias geram bons resultados

Aliança com organizações internacionais na promoção de feiras e conferências diversifica atuação por toda a cadeia do petróleo

Renato Cordeiro

O IBP é reconhecido no mercado como um dos mais experientes promotores de eventos no Brasil. Além da Rio Oil & Gas, o mais importante encontro da agenda do petróleo na América Latina, o instituto organiza uma média de 15 feiras, conferências, seminários ou fóruns de debate de diversos assuntos. Até dezembro, o número de 2007 chegará a 19 eventos. Em oito deles, as promoções foram realizadas por meio de bem-sucedidas parcerias firmadas com empresas e organizações representativas do setor.

Um dos acordos recentes foi firmado com a seção mundial da SPE (Society of Petroleum Engineers), nos Estados Unidos. O primeiro evento que resultou dessa parceria foi um workshop em Armação de Búzios (RJ), em 2006. Já em 2007, as duas organizações promoveram juntas no Brasil um workshop latino-americano sobre Saúde, Meio-Ambiente e Segurança (SMS) e um curso sobre design de poços. Segundo a SPE, a parceria deve aumentar.

“Está em nosso planejamento promover mais eventos e programas de treinamento junto com o IBP nos próximos 12 meses. Estamos muito satisfeitos de trabalhar com o instituto. A parceria proporciona excelentes programas para nossos membros no Brasil”, afirma o presidente da SPE-2007, Abdul-Jaleel Al-Khalifa, lembrando que o IBP e as seções de Macaé e do Brasil da SPE já vinham atuando em parceria na organização de encontros técnicos.

Conferência de alto nível

Diretor da MG do Brasil, empresa que promove a Brasil Offshore e a Protection Offshore, em Macaé (RJ), o empresário Eric Henderson diz que a participação do IBP é fundamental para o sucesso de seus eventos. O trabalho em conjunto começou em 2001, quando as duas instituições promoveram a primeira edição da Brasil Offshore. De lá para cá, já foram promovidas quatro edições da Brasil

Offshore (em anos ímpares) e duas da Protection (em anos pares).

Pelo acordo, a MG fica encarregada de organizar as feiras, enquanto o IBP se responsabiliza pelas conferências e o cerimonial. A última conferência da Brasil Offshore, promovida em 2007, atraiu mais de 300 especialistas de várias partes do mundo. “A aliança com o IBP é estratégica. Trabalhamos em equipe e em parceria integral”, afirma o diretor da MG.



15 anos dedicados ao gás natural

Francisco Barros Jr.
Secretário executivo da Abegás

No início dos anos 90, já participávamos da Comissão de Gás Natural do IBP, da qual tive a oportunidade de ser um dos coordenadores. Em função dessa iniciativa do IBP foi criada

do um fórum, em que as primeiras regras e normas para a comercialização do gás natural veicular puderam ser debatidas. A inauguração do primeiro posto público do Brasil no Rio de Janeiro, em 1991, numa parceria da Ipiranga com a CEG, e também o segundo posto, instalado em São Paulo, em uma parceria da Ipiranga com a Comgás, marcaram o início do uso do GNV no Brasil.

Temos muitos motivos para comemorar os 50 anos do IBP, sendo o principal o seu pioneirismo, junto com a Abegás – fundada em 1990, na mesma época em que o IBP iniciava as discussões para incentivar o uso de gás natural –, pioneirismo que foi fundamental para o desenvolvimento deste mercado. Através de seminários, feiras, congressos e cursos desenvolvidos pelo IBP, conseguimos transmitir conhecimentos, treinar e formar profissionais para este setor. Também participamos de eventos no exterior, trazendo inovações para serem discutidas dentro do IBP.

Hoje, mais de 15 anos depois, o Brasil conta com 1,5 milhão de veículos equipados com GNV e cerca de 1.400 postos. Eram duas concessionárias de gás e, agora, já são 21 que comercializam o GNV. E o consumo, que começou com 100 m³/dia, está hoje na ordem de 7 milhões de m³/dia.

Tenho orgulho de, ao lado do IBP, ter participado do início de um programa pioneiro no Brasil. Hoje, na Abegás, continuo engajado no desenvolvimento do setor de gás natural, ampliando as discussões e tentando contribuir para o crescimento sustentado desse produto na matriz energética nacional.



Encontro mundial no Rio

Uma sociedade parecida une o IBP e a NGV Communications Group na organização da Expo GNV no Brasil desde 2003. A primeira edição, realizada no Rio de Janeiro, atraiu cerca de 2.800 pessoas. A terceira, promovida este ano em São Paulo, contou com a participação de 4.500 visitantes. Agora, as duas entidades estão mobilizadas na organização de um encontro mundial, o 11º IANGV Conference & Exhibition, que ocorrerá de 3 a 5 de junho de 2008 no Centro de Convenções da Cidade Nova, no Rio.

O IANGV é o maior encontro do mundo sobre gás natural veicular. De acordo com o diretor da NGV no Brasil, Raúl Robino, o Brasil disputou a organização do evento com o Canadá. São esperados mais de 8 mil participantes. “A presença do IBP fortalece institucionalmente o evento. Estamos



Cortesia IBP

Expo GNV em São Paulo teve 4.500 visitantes

trabalhando para o sucesso da organização em total comunhão e amizade com o instituto”, diz Robino.

Para a coordenadora de eventos da Associação Brasileira de Ensaios Não Destrutivos e Inspeção (Abende), Anne Mathey, o IBP é um parceiro imprescindível na organização da Coteg (Conferência sobre Tecnologia de Equipamentos), que é o principal evento voltado para a comunidade de inspeção no Brasil. A Coteg conta também com a participação da Associação Brasileira de Corrosão (Abraco). “A Abende fica responsável pelo congresso de ensaios não-destrutivos, a Abraco pelo congresso sobre corrosão e o IBP pela programação sobre inspeção. É um casamento perfeito”, explica Mathey.

A 9ª edição da Coteg foi promovida este ano em Salvador, reunindo cerca de 800 pessoas. A expectativa dos organizadores é que o próximo evento, programado para 2009, reúna mais de 900 pessoas. Outro importante evento promovido este ano foi a segunda edição da Niterói Fenshore (Feira e Conferência Internacional de Tecnologia Naval e Offshore), em parceria com a Prefeitura do município.

Brasil tem vocação para grande produtor de gás

Antônio Assumpção
Presidente de Shell Southern Cone Gas & Power

Ao longo dos meus muitos anos de Shell, tenho tido um especial prazer nos últimos tempos de estar envolvido com a área de gás natural. Embora algumas vezes classificada como nascente, ela nada tem de pequena e pouco importante. Ao contrário, ela exige um intenso trabalho dos vários agentes da indústria e tem me proporcionado um enorme desafio profissional. O cenário

é muito dinâmico e encontrar o adequado equilíbrio entre oferta, demanda e infra-estrutura tem sido um grande desafio para todos.

Os últimos 10 anos têm trazido mais novidades a essa indústria do que os 40 anteriores. A Lei do Petróleo em 1997, as diversas propostas para a chamada Lei do Gás e a conquista da auto-suficiência exemplificam as mudanças recentes dessa indústria. Com a expansão dos negócios de outros agentes aqui no Brasil, outras mudanças virão e o ambiente competitivo será, certamente, ainda mais dinâmico.

Numa indústria com atores tão diferentes, o IBP sempre foi um ponto de convergência de idéias e propostas, mantendo a coerência, o equilíbrio e a coesão de seus membros. Através do Conselho de Gás Natural, de cuja fundação participei e do qual faço ainda parte, espero continuar ajudando a escrever essas páginas da história.

A Shell segue acreditando na vocação do Brasil para se tornar um grande produtor de gás natural. Há 94 anos no país e com participação ao longo de toda a cadeia de valor, da produção à distribuição, esperamos ter um papel significativo nessa indústria agora e nos próximos anos.

Cortesia Shell





Você pode economizar energia enquanto dirige.

Da próxima vez que você dirigir, pense nisto: o mundo consome dois barris de petróleo para cada um que é descoberto. E o que você pode fazer quanto a isso? Em primeiro lugar, dirigir suavemente e com velocidade constante, para um melhor aproveitamento do combustível. Outra dica é evitar acelerações rápidas e freadas bruscas, para reduzir o desperdício. Mas e nós, o que estamos fazendo? Na Chevron, fornecemos energia para o desenvolvimento de pessoas e comunidades de forma ética e responsável, respeitando nossa gente e nosso planeta. Por isso, vamos investir mais de 19 bilhões de dólares durante o próximo ano para levar novas fontes de energia ao mercado. Porque o problema da energia é global. E a solução dele também.

TEXACO® é uma marca registrada da Chevron.



Energia humana™

O melhor WPC da história

A organização do 17º World Petroleum Congress (WPC) no Brasil em 2002 traz reflexos até hoje para o IBP. Considerada a melhor edição já feita até hoje em todo o mundo, representou um salto nas receitas do instituto, que pôde assumir custos de uma estrutura mais robusta e qualificada. Os números são grandiosos: participaram 3.461 delegados (15% a mais que no anterior, no Canadá), 484 acompanhantes, 200 estudantes e 630 profissionais da imprensa nacional e estrangeira. O orçamento da conferência chegou a US\$ 8 milhões, captados em patrocínios e inscrições.

A presença de cerca de 30 líderes mundiais do setor, como o secretário-geral da Opep, Álvaro Calderón, e o diretor-executivo da Agência Internacional de Energia, Robert Priddle, aumentaram a projeção internacional. E ainda houve a participação do Greenpeace na inédita Arena de Responsabilidade Social, estratégica para provar que a indústria de petróleo está comprometida com a mitigação dos danos ambientais imputados a ela.

A vitória do Brasil no WPC começou três anos antes, quando o país ganhou da Turquia, França, Irã, Indonésia e Egito a disputa pelo direito de promovê-lo. Atual gerente-geral da Petrobras

no México, o executivo Milton Costa Filho atuou na época como diretor-executivo do Comitê Organizador do WPC no Brasil e acompanhou de perto todo o esforço para que o evento fosse bem-sucedido. *(Renato Cordeiro)*

Qual o saldo do 17º WPC para a indústria do petróleo no Brasil?

Quando se decidiu lançar a candidatura do Brasil para o evento, a indústria de petróleo no país recém-iniciava uma nova fase com o fim do monopólio e a abertura para capitais privados, nacionais e estrangeiros. A ideia de sediar o 17º WPC seria uma oportunidade para promover a indústria nacional, que imaginávamos que estivesse bem mais desenvolvida em 2002. Um evento da envergadura de um WPC serviria para promover não somente a indústria nacional, mas também o Rio de Janeiro e o Brasil. Mostrar as oportunidades de negócios na área de energia em um país do tamanho do Brasil, assim como mostrar a infra-estrutura existente no país em termos da indústria nacional de bens e serviços poderia ajudar a atrair mais investimentos.

Qual foi o maior desafio na preparação de um evento daquele porte?



Cortesia Petrobras

Milton Costa Filho: o Rio no cenário internacional

Tivemos vários desafios, entre eles o fato de que os dois congressos anteriores, na China e no Canadá terem sido muito bons. Para atingir nosso objetivo, teríamos de organizar um evento maior e melhor, o que obviamente custaria mais caro. Outro desafio foi a infra-estrutura necessária para receber um evento deste porte. Foram necessários vários investimentos para adequar o Riocentro às necessidades do evento. Também tivemos que garantir a nossos convidados uma cidade segura. Graças a um bom trabalho nas áreas de segurança e logística e a um grande apoio das autoridades, o evento ocorreu sem problemas.

Alguma curiosidade da organização merece destaque?

Um dos fatos mais curiosos foi a tarefa de realizar um jogo da seleção brasileira no Maracanã para os congressistas. Estivemos muito perto de conseguir isso, não fosse o Brasil sagrar-se campeão mundial da Copa de 2002. A alternativa encontrada foi maravilhosa: um Fla-Flu, com muitos gols (5 x 2 para o Flamengo) e Maracanã cheio. Levamos cerca de 8 mil pessoas ao estádio, entre congressistas e expositores.



Arena de Responsabilidade Social: novidade do WPC brasileiro

Somafoto

A large, stylized wireframe of a human head in profile, facing right. The head is composed of a grid of white lines on a dark background. The eye area is highlighted with a glowing, circular pattern of lines. The background is dark with faint binary code (0s and 1s) scattered throughout.

ENERGIA E
COMUNICAÇÕES
MOVEM O
MUNDO.
QUEM OS
MOVE?



Fábrica de
umbilicais de
Vila Velha, ES,
inaugurada em
fev/2007.



João Carlos França de Luca

"Gostaríamos de maior estabilidade regulatória"

O presidente do IBP João Carlos França de Luca espera o dia em que as discussões em torno da regulamentação vão diminuir, sinal de que o país atingiu a estabilidade regulatória necessária para atrair cada vez mais investimentos. Com a experiência diversificada adquirida no comando da diretoria do E&P da Petrobras monopolista e desde 1998 na presidência da Repsol YPF no Brasil, ele enumera o que já foi conquistado e o que falta conquistar para chegarmos ao mercado ideal. "Com as tremendas desigualdades sociais que enfrentamos, é imprescindível aproveitar o alto preço do óleo e usar nossas reservas para gerar riquezas para o país." (Cláudia Siqueira e Rosely Maximo)

Que resultados práticos o IBP obteve com as mudanças estruturais implantadas a partir da abertura do setor petróleo?

Nós demos contribuições importantes para a formulação da nova lei do gás e tivemos de nos engajar politicamente também para tratar de assuntos como a reforma tributária. A indústria precisava estar presente e passamos a ir mais vezes a Brasília para acompanhar processos, conversar com os congressistas, com as autoridades federais do setor e esclarecer nossas demandas. Trabalhamos muito nas instruções de critérios para as licitações, nas questões tributárias e de conteúdo local, que discutimos junto com a Onip. Na maior parte dos casos estamos perfeitamente alinhados com a Onip e isso facilita na hora de levar uma posição à ANP ou ao ministério.

O IBP conseguiu uma solução para a saída do Rio de Janeiro do convênio 58/99 (autoriza a admissão temporária e isenção de impostos aos bens e serviços destinados ao E&P). Como foi a negociação?

Nós buscamos compor uma solução alternativa com a Secretaria de Fazenda do Rio de Janeiro, que esperamos ver consagrada no próximo Confaz. Continuamos achando que o investimento

não deve ser taxado, mas chegamos a um acordo com as alíquotas de 3% sem recuperação de imposto e 7,5% com recuperação. Foi um avanço importante, pois entendemos que o Rio de Janeiro não poderia sair de um convênio que levaria a uma instabilidade tributária as vésperas da 9ª rodada de licitações. Não nos sentimos confortáveis levando esse tipo de discussão ao governo do Rio, pois estamos na maior torcida para que ele alcance o saneamento fiscal e faça uma gestão importante atendendo à sociedade da qual nós fazemos parte. Mas estaríamos nos omitindo se não mostrássemos os impactos para a indústria.

A indústria petrolífera brasileira está em condições de competir?

A indústria de petróleo hoje representa cerca de 12% do PIB do país e está gerando investimentos extraordinários. A própria Petrobras, em 2005, apresentou seu plano quinquenal com investimentos de US\$ 54 bilhões, revisto esse para US\$ 112 bilhões. E cerca de US\$ 25 bilhões são de responsabilidade de outras empresas. Isso implica recursos para o país, geração de empregos, oportunidades para todos os profissionais. Vivemos hoje um momento extraordinário e a abertura só ajudou: temos a Petrobras ainda mais for-

te, com maior atuação internacional, com crescimento de reserva e de produção. E também já temos consórcios em licitações sem a participação da Petrobras, o que é extremamente saudável para a competição e para a indústria.

O IBP fortaleceu sua atuação na área de E&P. Como vem trabalhando nos outros segmentos, principalmente no de gás?

O que fizemos foi replicar o modelo vitorioso adotado no comitê setorial de E&P, que possui diversos subcomitês, para os demais segmentos de gás e de downstream, aí incluída a petroquímica. Na área do gás criamos um conselho consultivo que reuniu as nove principais empresas investidoras do setor. Criamos também a área de estudos energéticos, contratamos novos profissionais para atender a essa demanda altamente qualificada, treinamos o pessoal interno, criamos uma política de RH muito mais moderna, introduzimos também um fundo de pensão para os empregados do IBP, enfim, modernizamos a nossa organização como um todo.

As discussões em torno da regulamentação do setor tendem a aumentar?

Gostaríamos que elas diminuíssem, pois isso significaria estabilidade regula-

tória. Essa discussão sobre o convênio do Repetro que comentei, por exemplo, vem desde 2002 com a chamada Lei Valentim, e se voltarmos um pouco mais atrás chegaremos ao aspecto da imunidade ao petróleo, colocada na constituição de 1988, pela qual só o petróleo e a energia elétrica não são taxados na origem. Na época se entendeu que benefícios naturais são bens do Brasil e não apenas do estado onde está situado. Assim, o ICMS deve ser recolhido nos diversos estados que se beneficiam desse bem. Como não existe ICMS na boca do poço, ele é taxado nas refinarias, e isso gera uma grande distorção. Nós nos alinhamos com esse pleito, mas isso passa por uma revisão da Constituição. Agora o governo está discutindo uma nova reforma tributária e estamos sempre vigilantes, tentando levar nossa contribuição. Se a lei Valentim for resolvida e a lei Paulo Melo for resolvida, vamos trazer de novo estabilidade para o setor.

Quais serão os novos desafios do IBP?

Temos agora novas demandas como a do biodiesel. Vamos ajudar a trabalhar na regulamentação desse novo energético, precisamos saber como fazer o controle de qualidade, entre outros desafios. Queremos entrar nesse setor desde o início porque entendemos que é uma nova demanda e isso fortalece nossa atividade de downstream. Estamos fazendo outros estudos também na área de logística, que tem carências importantíssimas.

É difícil conciliar os interesses das empresas estrangeiras com os da Petrobras?

Em alguns casos, sim. Mas depois das licitações da ANP as regras valem para todas. Cada vez mais a Petrobras tem estado conosco em todas as discussões. Na questão tributária o alinhamento com a Petrobras foi total.

Mas não está havendo consenso na área de gás natural...

A área de gás é mais complicada. Na lei do gás nós não conseguimos convergir quanto ao regime de transporte mais adequado, concessão ou autorização ou um regime misto. Nesse caso há uma divisão e, por isso, o IBP não tem posição tomada. A discussão do gás é mais difícil porque a Petrobras tem uma estrutura importante já instalada e o IBP busca o justo equilíbrio, respeitando os investimentos que uma empresa como a Petrobras fez ao longo de muitos anos, quando era o principal agente. Ao mesmo tempo queremos criar condições para que qualquer novo agente possa trazer gás ao mercado e atender a uma demanda que é do país. Hoje nós estamos atuando na contramão, desacelerando a oferta de gás durante esse período mais crítico que temos até 2010 e 2011.

DANNEMANN
SIEMSEN
MEIO AMBIENTE
CONSULTORES

CONSULTORIA AMBIENTAL Biodiversidade Conhecimentos Tradicionais Licenciamento Ambiental
Inquéritos Cíveis e Termos de Ajustamento de Conduta Auditorias Ambientais e Due Diligences Petróleo e Gás
Mineração Audiências Públicas Responsabilidade Social

ENVIRONMENTAL CONSULTANCY Biodiversity Traditional Knowledge Environmental Licensing
Civil Inquiries and Conduct Adjustment Agreements Environmental Auditing and Due Diligences Oil and Gas
Mining Public Hearings Social Responsibility

OPINIÕES



Cortesia IBP

“O setor petroléio precisava de uma entidade independente que discutisse os temas, mas não podia ser a Petrobras”
(Álvaro Teixeira, secretário-executivo do IBP)

“O IBP tem sido o porta-voz da indústria. Através dele os pleitos das empresas têm muito mais força”

(Murilo Marroquim, presidente da Devon Energy)



Somafoto



Somafoto

“O IBP congregou as empresas do setor, estabelecendo um diálogo entre as autoridades brasileiras e os investidores estrangeiros ou brasileiros”
(Pedro Paulo Duarte, ex-VP da Chevron)



**E FAZER EMERGIR
OUTRAS SOLUÇÕES**

Total, quarenta anos de inovações em matéria de exploração petrolífera.

Hoje, nós perfuramos cada vez mais profundo para responder à uma urgência: acessar novas fontes de energia. Desde os anos 80, estamos preparando um futuro com a energia solar. Envolvida no desenvolvimento dos sistemas fotovoltaicos, a Total já abastece numerosas populações distantes das fontes usuais de eletricidade.

**APROFUNDAR
A QUESTÃO
DO PETRÓLEO**

OPINIÕES

“O IBP passou a conciliar uma postura política e tem sido um bom parceiro dos estados”

(Júlio Bueno, secretário de Desenvolvimento Econômico do Rio de Janeiro)

Somafoto



Somafoto



“A indústria está muito bem representada através da atuação do IBP, como se pode ver no processo de exclusão do Rio de Janeiro do convênio 58 do Confaz e de muitas outras causas”

(José Jorge de Moraes, gerente geral de Novos Negócios da Petrobras)

“O papel que o IBP vem desempenhando na regulamentação do setor de óleo e gás é muito relevante. Temos obtido resultados significativos”

(Luiz Carlos Costamilan, presidente da BG)

Somafoto



ABESPetro

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE SERVIÇOS DE PETRÓLEO

A **ABESPetro** é formada pelas empresas prestadoras de Serviços às Operadoras e sua Missão é representar seus associados junto à sociedade e, em particular, junto à Indústria de Petróleo, visando a prestação de serviços com crescente qualidade, segurança e respeito ao meio-ambiente e à legislação.

Esse trabalho é realizado através de diversos comitês específicos como Jurídico, Tributário, RH, Logística e CFM (Condições de Fornecimento de Materiais).

A **ABESPetro** parabeniza o IBP pelos seus 50 anos de existência e seu trabalho em prol do desenvolvimento da indústria do petróleo e gás no Brasil.

Empresas Associadas



ABESPetro - Associação Brasileira das Empresas de Serviços de Petróleo

Av. Almirante Barroso, nº 52 / 21º andar sala 2102 (parte) - Centro - Rio de Janeiro - RJ - Cep 20031-918 - Tel. (21) 2532-5704
 abespetro@abespetro.org.br • www.abespetro.org.br



Otto Vicente Perrone

"O IBP se modernizou"

Na presidência do IBP na época da abertura, o mineiro Otto Vicente Perrone foi o principal promotor das mudanças de rumo que permitiram a entrada de novas petroleiras no instituto em 1997. Membro do conselho da Abiquim, seu nome também confunde-se com a história da petroquímica nacional — esteve à frente de empresas como Petroquisa, Norquisa e Copene (atual Braskem). Defensor da volta da Petrobras ao setor petroquímico, Perrone conta nessa entrevista como o instituto cresceu conservando a independência preconizada por seus fundadores. (Dilze Silva)

Como o senhor avalia a atuação do IBP num futuro cada vez mais concorrencial?

Depois da abertura, o IBP soube entender as transformações ocorridas e promoveu amplo debate no país sobre a nova legislação e a agência que viria a ser criada — a ANP. Muita coisa hoje da legislação reflete as sugestões levadas ao governo pelo IBP, que é reconhecido por sua isenção e independência.

O que na prática o IBP fez para se adaptar?

Uma alteração estatutária para criar uma nova classe de sócio, a dos cooperadores, além dos fundadores, coletivos e individuais, para agasalhar nesse título as em-

presas novas que vieram para o Brasil. Deu assento a essas empresas no conselho de administração, que passou de seis para 12 membros, sendo 10 indicados pelos sócios fundadores e dois pelos sócios operadores.

A Petrobras, através do modelo tripartite, foi fundamental para se implantar no país um parque petroquímico. Nos anos 90, a companhia retirou-se para mais recentemente voltar a investir. A Petrobras errou ao sair do setor?

Tenho a impressão que a Petrobras, como empresa, não queria sair, mas seguiu uma orientação de governo (em cumprimento às diretrizes do Programa Nacional de Desestatização). Acho que a volta da

Petrobras é natural e benéfica para o setor. Natural porque a indústria de petróleo é um negócio integrado. E benéfica porque a Petrobras tem uma capacidade grande de investimento, além de ter grande capacitação técnica que pode trazer enorme contribuição tecnológica para o setor.

Como o IBP atua para se internacionalizar?

Através dos intercâmbios com entidades similares. Hoje o instituto se relaciona muito bem com a Arpel e vai realizar em 2008, como já fez anteriormente, um congresso da indústria química do Mercosul e o Congresso Brasileiro de Petroquímica, ambos no Rio de Janeiro.



Responsabilidade social melhora competitividade empresarial

Nara Borges
Chefe de comunicação de E&P da Shell

Todos os integrantes da Comissão de Responsabilidade Social Corporativa do IBP (CRS) acreditam que esta é uma forma de gestão inovadora, sustentável e que contribui para a melhoria da competitividade empresarial. É por isso que somos incentivados, pelas companhias que representamos, a dedicar voluntariamente parte do nosso tempo de trabalho para pensarmos, juntos, como influenciar a indústria e motivar as empresas a buscarem cada vez mais um desempenho responsável e sustentável.

Diferentemente dos Fóruns Setoriais do IBP, a CRS abrange, além das empresas do setor, universidades, órgãos de governo, institutos, ONGs e consultorias. Em 2003 foi criado o Curso de Gestão da Responsabilidade Social do IBP. Realizado anualmente, tem sido procurado por gesto-

res de outros setores industriais e também por profissionais de outros países da América Latina.

Desde então, com a implementação desta iniciativa, passamos a ser reconhecidos como Fórum da Indústria na área de Responsabilidade Social e foi por isso que investimos muito esforço e dedicação para construir, juntamente com o Instituto Ethos, os Indicadores Setoriais de Responsabilidade Social específicos para o setor, apoiamos o Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo e demos ênfase à promoção e disseminação de informações relevantes, sobretudo as relacionadas às tendências, normas e certificações.

Em breve, tudo o que a comissão produz e divulga estará publicado no site do IBP. E para endossar esse trabalho, voltaremos a promover, a partir de novembro, o Seminário de Responsabilidade Social, que se repetirá a cada ano, abordando os desafios e oportunidades para a sustentabilidade com foco não apenas na indústria de óleo e gás, mas em toda a cadeia de fornecedores.





William Zattar

"Agora somos vistos"

Presente desde a criação do instituto, em 1957, o diretor William Zattar testemunhou a trajetória do IBP desde o início difícil, com muitos sonhos e poucos recursos. "As empresas não queriam investir", lembra. A grande virada, para ele, só veio mesmo há dez anos, com a quebra do monopólio no Brasil. "Foi quando começamos a ser vistos." (Ricardo Vigliano)

O IBP mudou muito em 50 anos?

Quando o IBP foi criado havia uma polêmica sobre se devíamos ser um sindicato, um órgão classista. O Hélio Beltrão foi muito feliz quando propôs que fôssemos instituto. Pudemos nos espelhar em certas normas e procedimentos que eram adotados pelo American Petroleum Institute (API). Nosso modelo era técnico. Depois evoluiu, puxado pelo crescimento do setor.

O que foi decisivo nessa trajetória?

O grande marco foi a abertura, pois vieram muitas empresas estrangeiras e o IBP começou a se projetar mais. Hoje servimos como referência até em outros setores de atividade.

Foi difícil chegar a esse ponto?

Não foi fácil. O IBP era chamado pelo Hélio Beltrão de filho pobre de pais ricos. Os pais eram a Petrobras e as grandes distribuidoras que fundaram a entidade. As empresas não viam motivação para investir no instituto.

Qual a sua avaliação do trabalho do IBP na área de combustíveis?

Essa é uma área que trabalhamos em conjunto com o Sindicom. Nossa atuação é mais no plano estratégico. Existe uma comissão no IBP que se ocupa ativamente da discussão de questões como adulteração e sonegação, entre outras.

O que o senhor destaca como a maior contribuição do IBP nesse setor?

Debatemos muito a racionalização da malha de distribuição para encurtar distâncias e reduzir custos. O IBP também trabalha pela qualidade dos combustíveis, ainda mais agora, com o crescimento dos biocombustíveis.

Há outros desafios no downstream?

O refino do óleo pesado. Para trocar um barril de óleo pesado por um de óleo leve estamos pagando US\$ 12. Nossa comissão de Refino tem debatido as formas de se converter o óleo pesado em leve para aumentar a produção de diesel e gasolina. Também vejo desafios para a comissão de Petroquímica do IBP, que está sendo revitalizada.

Representatividade no mercado de gás

Cynthia Silveira
Diretora de Gás e Eletricidade da Total

Com atuação destacada, o IBP vem contribuindo para o desenvolvimento do mercado de gás natural, visando uma indústria competitiva e sustentável. A credibilidade

de suas diversas comissões técnicas e setoriais as tornam importantes ferramentas de atuação na indústria, instituições científicas e acadêmicas, órgãos do governo e associações congêneres em questões que impactam a cadeia do gás natural.

Destacamos a colaboração com autoridades governamentais no processo de regulamentação do setor, em especial nas resoluções da ANP, no aperfeiçoamento dos projetos de Lei do Gás e a participação ativa no Grupo de Trabalho para elaborar um Plano de Contingência para o setor. Devido à grande represen-

tatividade de suas comissões no mercado de gás, o IBP tem interagido com a ANP nos processos de expansão de capacidade de transporte através de comentários aos manuais e contratos pertinentes, além de ter participado do Grupo de Trabalho da EPE – Empresa de Pesquisa Energética, para elaborar uma projeção de dez anos de oferta e demanda de gás. Não podemos deixar de mencionar que o balanço de oferta e demanda de gás do IBP vem ganhando representatividade a cada ano, e atualmente é utilizado como documento de referência pelo mercado.

Todo esse empenho tem como objetivo colaborar para o amadurecimento do mercado de gás no Brasil, com a participação de diversos agentes, e para a atração de novos investimentos. A futura aprovação de um marco regulatório estável que sirva como ferramenta para promover o desenvolvimento da indústria tem sido um objetivo perseguido pelo IBP com o apoio de toda a indústria.

Foco na prática profissional

Petroleiras, prestadoras de serviço e até instituições do exterior buscam cursos do IBP para qualificar e atualizar seus funcionários

Criados em 1962, os cursos do IBP são procurados tanto pelas companhias de petróleo quanto por prestadoras de serviço do Brasil e do exterior para formar mão-de-obra especializada. Para as empresas, o grande diferencial dos cerca de 120 cursos promovidos anualmente pelo instituto é o foco que eles dão à prática profissional. Essa característica é garantida pela seleção dos 400 professores e instrutores das turmas, a maioria deles ainda na ativa e com grande experiência em companhias do setor.

Historicamente, a Petrobras sempre foi a principal contratante dos cursos. A estatal ainda responde por metade da demanda, mas a participação de outras empresas tem aumentado à medida que amadurece a abertura do setor petróleo no Brasil. Hoje, também são considerados grandes demandantes de treinamento no IBP empresas como Braskem, Suzano, Repsol YPF, El Paso, Sonangol, Vale do Rio Doce, Gaia e Pluspetrol (Peru) e instituições como Ibama e Ministério do Petróleo de Angola.

O grupo Ipiranga é um dos que têm recorrido ao IBP para treinar funcionários nas áreas técnicas. Todos os anos, cerca de 20 especialistas da empresa participam de treinamentos em áreas como Logística, Lubrificantes e Segurança, Meio-Ambiente e Saúde (SMS). A assessora de Treinamento da Ipiranga, Mônica Velho Rodrigues, diz que a avaliação dos cursos é sempre muito positiva por parte dos funcionários.

“Os profissionais ficam satisfeitos porque os cursos são focados no dia-a-dia do trabalho e no

aprimoramento da prática”, diz a assessora da Ipiranga.

A norte-americana Chevron é outra empresa que busca o IBP para qualificar seus técnicos no Brasil. No Rio, a área de maior interesse para a companhia tem sido a de Gestão de Qualidade. Já o grupo de São Paulo, estado onde fica o Centro de

Pesquisa e Tecnologia da Chevron para a América Latina (BTC – Brazil Technology Center), tem grande interesse nas áreas de Qualidade e Segurança.

“Além de serem excelentes, os cursos do IBP propiciam o contato dos alunos com profissionais de outras empresas”, afirma a gerente de



Cortesia Abdib

O Brasil pode ainda muito mais

Ralph Lima Terra
Vice-presidente da Associação Brasileira da Infra-Estrutura e Indústrias de Base (Abdib)

O setor de petróleo, um dos mais pujantes da economia, recebe em média, anualmente, entre 90% e 110% do volume necessário de investi-

mento para que a oferta seja condizente com a demanda. Comparado a outros setores da infra-estrutura, o mercado de óleo só encontra paralelo nas telecomunicações. Há forte contratação de mão-de-obra técnica e qualificada, com bons salários, desenvolvimento regional e estímulo à contratação de bens e serviços.

Muito do sucesso verificado atualmente remonta há pouco mais de dez anos, quando, em agosto de 1997, o Congresso Nacional aprovou a lei que quebrou o monopólio da Petrobras. Em uma década, a produção saltou de 800 mil para 1,8 milhão de barris/dia.

As perspectivas também são boas. Entre 1999 e 2005, já foram concedidos pela ANP 594 blocos para exploração e produção. A Petrobras ainda é majoritária, mas 56 novas companhias entraram no mercado brasileiro. Isso significa que a produção das petrolíferas que chegaram na última década deve crescer significativamente.

Há muito o que avançar, porém. As empresas privadas precisam obter maior participação e volume de investimentos. Do total previsto entre 2007 e 2011, os novos operadores devem responder por pouco mais de 10%. O Brasil tem também o desafio de construir uma legislação que atraia novos recursos para o transporte de gás, cujo volume produzido internamente e importado ainda não é suficiente para abastecer toda a demanda, se ela for exigida ao mesmo tempo.

Os avanços obtidos até o momento tornam os desafios auspiciosos. A superação deles dependerá de todos os agentes do setor – incluindo instituições de representação classista, como o IBP, do qual a Abdib é co-fundadora. O Brasil tem grandes reservas e estabilidade regulatória no setor, que precisa ser preservada e consolidada. Mesmo diante do sucesso inegável, o Brasil pode ainda muito mais.



Parabéns IBP



A Baker Hughes parabeniza o Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis pela celebração dos seus 50 anos de inestimáveis serviços prestados à indústria de Petróleo & Gás e à sociedade brasileira.

No ano em que a Baker Hughes comemora um centenário de inovações e soluções para a indústria de petróleo e gás, celebra juntamente com o IBP os seus 50 anos de atividades voltadas para o apoio e o desenvolvimento da indústria de petróleo do Brasil.



Cursos do IBP (1996-2006)

	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Cursos	52	62	51	49	57	73	86	97	102	96	113
Alunos	1115	1430	1158	1084	1685	2078	2308	2915	2831	2639	3053

Suporte de Tecnologia da Chevron no Brasil, Isabele Araújo. “Os cursos são voltados para as reais necessidades do mercado. E as palestras também são fóruns qualificados para discussão dos grandes temas da indústria”, acrescenta o gerente de Tecnologia da major, Luiz Fernando Feijó de Lemos.

Além dos cursos reguladores, o IBP também promove os chamados cursos fechados sob encomenda para empresas do setor. Nos últimos dois anos, a Gaia (empresa brasileira do setor de óleo e gás que possui 22 parcerias com fornecedores estrangeiros no Brasil), por exemplo, contratou o

IBP para promover três treinamentos fechados em seu escritório. Nessas três turmas foram treinadas cerca de 60 pessoas, desde estagiários a profissionais recém-formados e profissionais de áreas não-técnicas.

O instituto foi escolhido para coordenar o treinamento exatamente pela reputação de personalizar as aulas e buscar atender às necessidades específicas das empresas.

“Isso é um grande diferencial. Os instrutores do IBP são pessoas do mercado que, além de terem um grande conhecimento técnico, estão atualizados com as últimas tendências e

movimentos. As aulas ultrapassam as fronteiras do aprendizado científico e navegam por discussões muitas vezes comerciais, o que enriquece e aumenta o interesse do aluno”, diz a gerente de Comunicação e Marketing da Gaia, Rosângela Nucara.

Para a gerente, o IBP deveria divulgar mais os cursos e fazer um trabalho mais ativo de captação de turmas, indo às empresas para oferecer este serviço. “No dia-a-dia corrido, muitas vezes as empresas não realizam ações deste tipo por pura falta de tempo de buscá-las no mercado”, diz Nucara. (R.C.) ■



Somafoto

Quase 100% de conteúdo nacional nos dutos

Benjamin Sodré Netto
Diretor da BSN

  inestimável a contribui o do IBP para a Comunidade de Dutos no Brasil. Atuando na Comissão de Transportes Dutoviários desde sua implanta o, lembro bem quando o Marcelino Guedes (atual diretor da Transpetro), àquela altura no Cenpes, e Glauco

Legatti, da Petrobras, mobilizaram a comunidade e promoveram, sob os auspícios do IBP, o Primeiro Encontro da Comunidade de Dutos e cerca de 30 técnicos se reuniram em uma pequena sala no prédio da Av. Rio Branco 1, lançando a semente do que se tornaria o internacionalmente reconhecido Rio Pipeline Conference and Exposition.

O resultado prático dessa mobiliza o tem sido a excelente participa o dos fabricantes de equipamentos e materiais, e dos empreiteiros, nos projetos de implanta o e manuten o da rede de dutos no Brasil, com  ndice de quase 100% de cont duo nacional nos últimos empreendimentos.

Cabe salientar também o incentivo e apoio que o IBP vem prestando às empresas brasileiras nos congressos internacionais, levando o nome do Brasil e suas competências aos mais importantes eventos ao redor do mundo, além da efetiva participa o do instituto no CTDut (Centro de Tecnologia em Dutos), que promove em suas instala es cursos e testes em equipamentos e sistemas utilizados no transporte dutoviário.

Os resultados apresentados até agora incentivam a comissão, seus colaboradores e o IBP a continuar buscando o aprimoramento e a expansão da indústria brasileira de dutos, setor fundamental ao desenvolvimento sustentado de nosso país e que, nos próximos anos, deve aumentar significativamente sua participa o no modal de transporte de líquidos e gás.

